



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS  
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**HELTON ROSENO LIMA**

**A CONTABILIDADE VERDE: POR UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

**Palmas – TO**

**2025**

**HELTON ROSENO LIMA**

**A CONTABILIDADE VERDE: POR UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

Artigo apresentado ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Palmas, como requisito total à obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis, sob a orientação do(a) Professor(a) Dra. Janaina Borges de Almeida.

**Palmas – TO**

**2025**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

- L732c Lima, Helton Roseno.  
A Contabilidade Verde: por uma análise semiótica. / Helton Roseno Lima. –  
Palmas, TO, 2025.  
29 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Palmas - Curso de Ciências Contábeis, 2025.  
Orientadora : Janaina Borges de Almeida
1. Contabilidade Verde. 2. Semiótica. 3. Sustentabilidade. 4. Meio  
Ambiente. I. Título

**CDD 657**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

**HELTON ROSENO LIMA**

**A CONTABILIDADE VERDE: POR UMA ANÁLISE SEMIÓTICA**

Artigo apresentado ao Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Palmas, como requisito total à obtenção do título de bacharel em Ciências Contábeis, sob a orientação do(a) Professor(a) Dra. Janaina Borges de Almeida.

Data de aprovação: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

Banca examinadora:

---

Prof.(a) Dra. Janaína Borges de Almeida. Orientador(a). UFT

---

Prof.(a) Msc. Jonatas Soares Araujo. Examinador(a). UFT

---

Prof.(a) Msc. Ramon Gomes Queiroz. Examinador(a). UFT

## RESUMO

Este artigo objetiva compreender e explicar a Contabilidade Verde à luz da semiótica. Partindo do pressuposto relativo a um caminho identitário diretivo para o campo da Contabilidade, valendo-se da interdisciplinaridade permitida ao método semiótico, em um percurso explora elementos nominais formadores de subdivisões da contabilidade, para justificar o uso nominal de Contabilidade verde, no contexto profissional e acadêmico. A epistemologia adotada se dá por meio da técnica semiótica que aprofunda na compreensão de como as palavras se conectam com a realidade por meio da força simbólica, tendo como referência Santaella (1995); Pignatari (2004) dentre outros. Quanto ao aspecto explorado relativo às cores na comunicação se fundamentou em inferências da obra *A Psicologia das Cores* (Heller, 2013). De modo geral, a abordagem tangencia temas ecológico/ambiental que são bem festejados em pesquisas acadêmicas, contudo, raras são as pesquisas nacionais sobre “contabilidade verde”, nessa esteira a proposta contextualiza e explica a adoção da expressão “contabilidade verde” com vista a conectar o meio contábil ao valor ecológico defendido no meio social. Compatibilizar a inserção da contabilidade tradicional ao mundo das expectativas ecológicas tematizados em sustentabilidade, juntando-se a iniciativas acadêmicas a exemplo de “A Empresa Verde”, de Laville (2009), para expor o potencial de aderência da contabilidade ao verde simbólico, pela expressão “contabilidade verde”. Os resultados apontam para o “verde” como símbolo de uma natureza ecológica perfeitamente compatível com a atividade contábil, ainda que de forma incipiente em efetividade, mas aponta por meio subjetivo amparado por teorias acadêmicas a conformidade entre o interesse geral no preservacionismo na forma proposta. Nessa linha, o desiderato contributivo pela qual se vislumbra a “contabilidade verde” está no potencial de impulsionar os ideais preservacionistas ativos na sociedade. A contribuição teórica do artigo está em expor e permitir o debate sobre o tema, bem como avançar na compreensão do conceito de contabilidade verde, para torná-lo signo de uma linguagem de interesse social e que parcela desse interesse seja assimilada, absorvida e difundida pela Contabilidade.

**Palavras-chaves:** Contabilidade verde. Semiótica. Signo.

## ABSTRACT

This article aims to understand and explain Green Accounting in light of semiotics. Starting from the assumption of a directive identity path for the field of Accounting, using the interdisciplinarity allowed by the semiotic method, it explores nominal elements that form subdivisions of accounting to justify the nominal use of Green Accounting in the professional and academic context. The epistemology adopted is based on the semiotic technique, which deepens the understanding of how words connect with reality through symbolic force, with reference to Santaella (1995) and Pignatari (2004), among others. The aspect explored regarding colors in communication was based on inferences from the work *The Psychology of Colors* (Heller, 2013). In general, the approach touches on ecological/environmental themes that are well celebrated in academic research. However, national research on “green accounting” is rare. In this vein, the proposal contextualizes and explains the adoption of the expression “green accounting” with a view to connecting the accounting environment to the ecological value defended in the social environment. It reconciles the insertion of traditional accounting into the world of ecological expectations themed around sustainability, joining academic initiatives such as “A Empresa Verde” (The Green Company) by Laville (2009) to expose the potential for accounting to adhere to symbolic green values through the expression “green accounting.” The results point to “green” as a symbol of an ecological nature that is perfectly compatible with accounting activities, albeit in an incipient form in terms of effectiveness, but they point, through a subjective means supported by academic theories, to the conformity between the general interest in preservationism in the proposed form. In this vein, the contributory goal for which “green accounting” is envisioned lies in its potential to drive active preservationist ideals in society. The theoretical contribution of the article is to expose and allow debate on the topic, as well as to advance the understanding of the concept of green accounting, to make it a sign of a language of social interest and that part of this interest is assimilated, absorbed, and disseminated by Accounting.

**Key-words:** Green accounting. Semiotics. Sign.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	7
<b>2.1 O uso da teoria da Semiótica na estrutura do pensamento interpretativo</b> .....	7
<b>2.2 A representação simbólica em aspectos comunicativos</b> .....	10
<b>2.4 Para que serve a Contabilidade Verde</b> .....	14
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	16
<b>4 RESULTADOS E ANÁLISES</b> .....	19
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	24

## 1 INTRODUÇÃO

De início se faz necessário delinear os contornos da Contabilidade Verde, como ramo tenro da contabilidade tradicional, sob um novo olhar sobre a contabilidade tradicional envolto por elemento do simbolismo subjetivista para alavancar a geração de valor ao fazer contábil.

Conjecturar em uma atividade habitualmente construída sobre as encostas de equações numéricas e quantitativas tal como na atividade contabilidade com intuito de trazê-la a um idealismo subjetivista no contexto sociológico de interesse comunitário não se espera tarefa fácil, contudo, na sugestão de Kataoka (2019), o caminho para essa empreitada requer uma combinação multidisciplinar e a epistemologia. A autora em comento, aponta ainda a existência de lacunas no tratamento de pesquisas em contabilidade no que se refere a características intrínsecas à realidade dos fenômenos contemporâneos, recomenda a integração da teoria Semiótica como abordagem alternativa de pesquisa. Com fundamentos nessa ideia, esta investigação sobre contabilidade verde segue essa linha pois se insere em categoria sígnica pela projeção do “verde” como referência para a contabilidade.

Paiva (2004), se diz favorável a concretização de temas relacionados antropológica e sociologia na área da contabilidade, enfatiza que ao contrário do que muitos pensam, as Ciências Contábeis incluem-se nas Ciências Sociais e não nas Ciências Exatas. Por isso a atividade de avaliação patrimonial não é mera somatória, o envolvimento com números nada mais é do que um instrumental, um ferramental.

A Contabilidade, tradicionalmente classificada como ciências sociais aplicada, denota um olhar para os anseios da sociedade para colher ruídos que impliquem de alguma forma em sua atividade. Ao identificar o que está proposto, aplicar as melhores técnicas, fomenta a atividade no convívio social, assim Contabilidade pode e deve contribuir com o anseio social (Paiva, 2004).

Esta pesquisa se estriba pela Semiótica no estudo da contabilidade verde, por sua qualidade epistemológica, que embora pouco discutida nesse campo, é possível posicioná-la como abordagem alternativa de pesquisa nesse campo do conhecimento, de forma que se reconheça a contabilidade no espectro sociológico e antropológico associado por características intrínsecas à realidade dos fenômenos sociais (Kataoka, 2019).

O uso da semiótica requer signo como objeto de estudo, e essa pesquisa tem-se o verde como elemento representativo (signo), de uma realidade objetivada pela preservação ambiental que interessa ao coletivo brasileiro, ao tempo que procura associá-lo à atividade contábil em comunicar o seu compromisso preservacionista que se junta aos fatores decisivos de produção,

ao capital natural e a sistemas ecológicos tradicionais como a responsabilidade social corporativa (Mahlomaholo, 2024).

A abordagem aqui, refere-se à contabilidade verde pela força do simbolismo que as cores exercem enquanto complemento comunicativo de fenômenos captados na sociedade, que se junta à contabilidade para fomentar a aderência dessa área do conhecimento humano ao espectro ambiental que se desenha na sociedade. Que possa ser tratado por mecanismos acadêmicos-contábeis, valorando assim, o interesse em temas que a sociedade discute nos diversos âmbitos em que se fala sobre a questões de estoque de recursos renováveis ou não renováveis vinculados a bens e serviços conexos com a natureza (Laville, 2009).

Inferre-se existir um interesse em discutir a contabilidade verde, seja por pressão social, seja por interesse das organizações em alinhar seus discursos. Como afirma Almeida (2019), em tempos de pressão pública, as organizações buscam meios de legitimar suas atividades, por estratégias de comunicação que melhorem a imagem da organização, de modo a mitigar efeitos deletérios sobre a organização, assim, buscam alinhar-se a temas de valor social.

Em termos normativos, há um caminho na discussão levado a efeito pelo simbolismo do verde a combinar-se com a atividade contábil, sugerida como dever, já foram traçados pela obrigatoriedade de proteção ambiental. A Constituição da República Federativa do Brasil, CF/88, estabelece que todos têm direito ao meio ambiente, à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Pela vertente acadêmica, Laville (2009), trouxe ao convívio a obra “A Empresa Verde”, na qual propõe algumas balizas para a compreensão desse termo ao correlacionar compromissos de empresas com o meio ambiente. Na obra a autora expõe alguns exemplos de economia em setores poluentes que adotaram algumas medidas para amenizar os danos causados por suas práticas diárias; atitudes que lhes renderam melhorias na reputação.

A existência ideológica da Empresa Verde remete à ideia da contabilidade verde, discussão que se levanta para combinar argumentos denotativos e conotativos, valorizando símbolo e metáforas para articular sólido construto evocativo do assunto, tanto em termos de praticidade quanto como insígnia de mudança social contributiva ao campo das Ciências Contábeis.

Sublinhe-se a existência de outras manifestações acadêmicas de nomenclaturas diversas relacionadas ao conteúdo ‘meio ambiente’. Denominações, qualificações e *modus operandi* de olhares diversos sobre meio ambiente não são objeto desse estudo. Esta pesquisa discute a carga

valorativa da nomenclatura “contabilidade verde”, pela análise da simbologia que o verde traz para a contabilidade.

Posicionar a contabilidade por um enfoque subjetivo de valor ecológico, requer maior esforço, mesmo definida como ciências sociais aplicadas, discutir abstração associada à natureza, a renovação e a equilíbrio no campo da contabilidade (Fernandes, 2022), quase não há espaço, por essa razão, há que se perguntar como a contabilidade pode adotar adjetivo “verde”?

Lançada as balizas estruturantes da pesquisa, chega-se à exposição do objetivo geral: compreender e explicar a Contabilidade Verde à luz da semiótica. Como objetivos específicos: (a) identificar fatores relacionados ao significado do verde atribuídos pela coletividade (b) explorar a relevância do simbolismo do verde no contexto da contemporaneidade; (c) entrelaçar valores simbolizados no verde ao campo de conhecimento da contabilidade.

A relevância desta pesquisa se mostra pela contribuição na divulgação do tema “contabilidade verde”, por associar a atividade contábil com tema proeminente da comunidade, visto que conceitos e expressões podem indicar valores refinados pelo interesse social, ao qual espera-se aderência da academia. Espera-se que este trabalho contribua com o campo de pesquisa na propositura de trabalhos semelhantes.

Este trabalho se desenvolveu na seguinte estrutura: no Capítulo 1, formato pela introdução que apresenta tema, problema e objetivo, bem como tangencia tangenciando meios teóricos aplicáveis ao assunto; no segundo capítulos se fez um inventário teórico com utilização de signos conhecidos no meio social para assimila-los com a Contabilidade verde; no capítulos 3, a metodologia, detalhou-se efeitos de signos no plano de associar seus efeitos a uma aceitação nominal da expresso a contabilidade verde intermediado pela teoria semiótica; na sequência, capítulo quatro, se dedica a análise dos resultados, seguida pelas considerações finais.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O uso da teoria da Semiótica na estrutura do pensamento interpretativo.**

Na doutrina especializada, a teoria Semiótica é referenciada ora como ciência, ora como técnica, contudo, há o entendimento de que seu objeto de estudo seja a linguagem dos símbolos aos quais se atribui significação comunicativa de eventos e fenômenos pela representação sígnica. A semiótica atua nos espaços do conhecimento para desenhar, num diagrama lógico,

estruturas que servem para repensar as fundações interpretativas da realidade e da verdade (Santaella,1995).

Sobre o assunto, Machado (2015), entende que a semiótica facilita a compressão de mundo que se perfaz por uma tríade fundamental: o signo- representativo de um objeto; o objeto, percebido pelos sentidos; o interpretante que não está presente e cria na mente do observador um novo signo. O fundamento dessa construção mental está na ideia que surge na mente do observador que percebe o signo. De tal forma que o pensamento acontece em uma sequência de signos, que facilitam a comunicação, como exemplo: um motorista trafegando e se depara com uma placa de trânsito.

A partir do uso de imagens sígnicas, é possível identificar uma dimensão integrativa do conhecimento que é absorvida pelo intérprete e o habilita a outras construções mentais, conforme Machado (2011), o sujeito absorve e (re)transforma – considerando a existência de dois tipos de discurso. O discurso interno fragmentado e desconexo, e apresenta-se como um monólogo. Enquanto o discurso externo tem o formato mais linear, em regra, traz a forma de diálogo e necessita que os interlocutores atribuam os mesmos significados a uma mesma palavra.

Historicamente, o desenvolvimento da semiótica apontou duas correntes de pensamento. Uma surgiu na Europa, Ferdinand de Saussure; e outra na América, conduzida pelo trabalho de Charles Peirce, muitos autores a referenciam como semiótica peirceana. Segundo Charles Peirce, essa técnica é concebida como uma doutrina dos signos, como um sinônimo de lógica, onde o signo é algo percebido no lugar de outra coisa material, representando-a (Machado, 2015).

No Brasil, Santaella é reconhecidamente uma das maiores autoridades na teoria da semiótica. Uma pergunta feita por Santaella que ainda ecoa no campo de pesquisa foi feita em 1983, como título de livro “O que é semiótica”. Uma resposta aceita é que se trata de uma ciência dos sistemas e dos processos sígnicos na cultura e na natureza, que estuda as formas, os tipos, os sistemas de signos e os efeitos do uso dos signos, sinais, indícios, sintomas ou símbolos (Santaella; Nöth, 2017).

Etimologicamente, a palavra semiótica (originalmente semiótica) vem do grego antigo, onde *seméion* significa “signo”. Em 1972 a Associação Internacional de Estudos Semióticos adotou o termo semiótica para designar a ciência dos signos. E quanto a definição de signo, entende-se, seja uma coisa que, além da impressão que produz nos sentidos, faz com que outra coisa venha à mente como consequência (Santaella; Nöth, 2017).

A semiótica se articula nesta pesquisa pelo aspecto epistemológico no tratamento da relação entre o signo ‘verde’ (subjetivo, alegórico) e a objetividade da atividade contábil, que nesse estudo se faz por assimilação de conteúdo denotativo e conotativo e assim, se possa atribuir significado expressivo. Não é um pensamento da imprecisão, da incerteza, apesar de incluir a imprecisão e a incerteza. A sua finalidade é servir de base para construir conceitos e metodologias para articular saberes especializados (Morin, 2006).

A base fundamental da semiótica está na representatividade entre o signo e o objeto. Diferentes signos são apresentados ou compreendidos como representações psicológicas completiva de um ideal de comunicação, nas quais, as cores são bons exemplos na dinâmica nas áreas de cognição humana, capaz de produzir efeito psicológico de simbolismo universal. Como simpatia, harmonia, amizade e da confiança. E não é por acaso que o verde acarreta esses sentimentos. O verde é a cor da natureza, em contraste com o azul celeste, formam o acorde azul-verde, onde o céu e a terra se unem, e o azul divino se torna o azul humano (Heller, 2013).

Heller (2013), em seu livro *A Psicologia das Cores*, sugere que as cores afetam a emoção das pessoas. Por esse viés informacional em um pareamento sígnico, fornece um traçado para a análise comparativa entre a realidade observada e um ideal. Em contexto representativo, como se estabelece para o percurso da contabilidade-verde, que mediado pela técnica da semiótica, conforme Santaella (1983), circunscreve-se em formação de um sistema que se segmenta e se estrutura através de uma construção interpretativa ladeada pela fenomenologia observável, em traços normativos e em teorias ecológicas preservacionista.

Ampliar os olhares da comunicação sobre as posições pré-estabelecidas, surgem no horizonte possibilidades de novos estudos. Nesse esforço exploratório em referencial semiótico para temas recentes, provoca simultaneamente compreender os limites de abordagens teóricas, compreendida e caracterizada por similaridades comparativas, permite explorar o conhecimento sobre diversas epistemes traduzidas pela semiótica (Perez, 2009).

No mesmo sentido, Tuzzo (2016), corrobora em os referenciais são construídos para melhorar a comunicação, portanto não é um fato em si que determina que ele seja tratado como algo natural, corriqueiro ou espetacular, sabendo que nenhum discurso é neutro, mas carregam vieses midiáticos, editáveis selecionados por palavras e imagens. Todo discurso é em si uma representação da realidade e a forma de transmitir é uma reprodução desta representação. Nessa linha, o “verde” é um discurso que se alinha na criação de um movimento coletivo, determinante para enxergar o que está para além das palavras, para além do texto.

## 2.2 A representação simbólica em aspectos comunicativos

Pesquisas intermediadas pela semiótica se desenvolvem por elementos sógnicos, nesse trabalho, o “verde” é o símbolo a ser explorado; e, como se trata de estudo acadêmico na área da contabilidade, no qual se busca justificar o uso da nomenclatura “contabilidade-verde”, mister se faz um recorte sobre um aspecto finalístico da contabilidade que é a comunicação que se perfaz em linguagem técnica que se usa para a transmitir informações de suporte aos processos de tomada de decisões empresariais (Almeida, 2019).

É bem de ver que o simbolismo está presente em todas as comunicações humana, desde o representativo dinheiro fiduciário (que nada mais é do que papel impresso sobre o qual recai uma crença de valor monetário), até brasões, emblemas, a camisa do time preferido, como ensinou *Sun Tzu – A Arte da Guerra*, Gongos, tambores, flâmulas e bandeiras são elementos simbólicos que servem para unificar os ouvidos e olhos dos homens.

Gongos e tambores são usados em batalhas, porque as vozes não são ouvidas; bandeiras e estandartes são usados, porque os soldados não podem ver um ao outro claramente. Os fogos, gongos e tambores são, normalmente, usados como sinais em batalhas de noite. As bandeiras e os estandartes são empregados em batalhas durante o dia.

O que se faz é adaptar a capacidade dos soldados para ver e ouvir. Os gongos, tambores, bandeiras e estandartes são como instrumentos para unificar o exército. Quando os soldados foram unificados, o corajoso não pode avançar só, e o covarde não pode se retirar sozinho. Esta é a regra para administrar um exército grande. (Sun Tzu, 2002).

As palavras de Sun Tzu evidenciam o utilitarismo dos signos na unificação de desígnios. Escalada esse entendimento para a concepção de unidade de desígnio, Hall (2006) afirma que as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações, com força suficiente para identificar povos e construir identidades. Por isso, histórias são contadas sobre nações em memórias de feitos e acontecimento que se conectam por imagens psicológicas construídas para conectarem presente e passado ao idealismo dos povos.

No Brasil se conhece além dos Símbolos Nacionais, que se inclui a Bandeira Nacional, que é composta por cores carregadas de simbolismo com o verde predominante. Eventos associados a demonstrações de patriotismo, ou mesmo partidas de futebol, principalmente por ocasião da copa mundial desse esporte são levantados estandartes representativos de união de grupos. Imagens de acontecimentos históricos “falaram” por linguagem não-verbal, são muitos os símbolos documentais que marcam momentos únicos que são simbolicamente eternizados (Vieira, 2015).

Bem se sabe que cores podem funcionar como representação de realidades e o meio de que se estabelece a ligação entre signo/objeto, segundo o escólio de Pignatari (2004), é uma relação de analogia com seu objeto (um desenho, um som; uma cor), Em princípio, os ícones e signos se organizam por similaridade, por coordenação e por contiguidade. Ao interpretante cabe está sempre se refazendo ao refazer a relação entre o signo e o objeto; nesse sentido, o interpretante é um terceiro a quem se direciona a comunicação.


Facilmente pode ser notado no cotidiano das pessoas a força que o verde exerce nas relações sociais (Heller, 2013), por exemplo nos sinais de trânsito, que melhor representa fragmento da linguagem não verbal, no caso, o verde significa siga em frente, caminho livre; outro sinal bem conhecido é o verde da bandeira, em outras representações o verde é associado à natureza, crescimento, renovação e equilíbrio (Fernandes, 2022).

É nessa linha de estrutura representativa que se apresenta a contabilidade-verde. Estabelecer uma conectividade entre “verde” - símbolo da natureza, do ecologismo, da sustentabilidade; ao fazer contábil. Nesse aspecto, se recorre à teoria semiótica que trabalha a ideia de representação signica para estabelecer associações induzidas em atributos simbólicos capazes de unificar desígnios, impulsionar direção, reorientar expectativas, engajar dirigentes de empresas em transmutar idealismo em realismo (Laville, 2009).

Pensar o signo considerando a noção de interesse e motivação, é muito importante para romper com paradigmas estruturais e adequar novas perspectivas a partir de necessidades prementes que surgem contextualizadas na sociedade, estabelecer novas matizes na comunicação que se integrem aos anseios da coletividade faz com que haja renovação na plêiade das ciências sociais. Daí a expressão que não há homem social sem linguagem. A linguagem é organizada em linhas funcionais para a espécie humana. Por isso, é mister um olhar na produção de signos com uma lente de generosidade de reconhecimento (Santos, 2023).


Signo desenhado guarda uma característica fundamental é que só representa objetos, seres concretos, e nunca pode representar conceitos abstratos, como os representados pelos signos linguísticos do verbo, adjetivo, conjunções, preposições. No entanto, permite que o seu significado seja traduzido por sentenças verbais qualificativas ou dinâmicas. Daí se diz: que uma imagem vale por mil palavras, ou dizer que a imagem não corresponde exatamente à unidade-palavra, mas a um enunciado de palavras (Cagnin, 1975).

Figura 3 – Significante e significado “o homem correndo”.

significante (figurante)	
significado (figurado)	1. “Isto é um homem”; 2. “o homem está correndo”. <span style="float: right;">102</span>

Fonte: Cagnin, 1975. p. 77.

Figura 4 – Significante e significado “caduceu, símbolo da contabilidade”.

Significante (figurante)	
Significado (figurado)	1 – “isto é um bastão” 2 – “isto são serpentes” 3 – “isto são asas” 4 – “isto é um elmo”

Fonte: adaptado de Cagnin, 1975. p. 77.

A compreensão, diante da semântica e estética, passa por dois níveis de leitura: o denotativo, ou seja, aquilo que é mostrado; e o conotativo, que emerge dos significados emocionais e sensoriais das conotações que, ao atribuir significados às histórias, acabam por constituir uma segunda mensagem que envolve o próprio interpretante (Borges, 2019).

Signo deve ser considerado no seu aspecto existencial como parte de um outro existente para o qual o índice aponta e de que o índice é uma parte. O objeto imediato do símbolo é o modo como o símbolo representa o objeto dinâmico. O objeto dinâmico dos símbolos é uma referência última que engloba todo o contexto a que se refere ou se aplica, há relações para a leitura e entendimento do signo: a relação do signo consigo mesmo; a relação do signo com seu objeto dinâmico e a relação do signo com seu interpretante (Santaella, 1983).

Pignatari (2004. p. 19/20), ao relacionar a ligação signo/objeto, diz que os símbolos se organizam por contiguidade o signo da ciência e da lógica – o símbolo é um signo para alguma coisa, enfaticamente assegura que a semiótica acaba de uma vez por todas com a ideia de que as coisas só adquirem significado quando traduzidas sob a forma de palavras.

Quando se afirmar que a semiótica é uma ciência, essa colocação não deve ser tomada como algo de um campo sistematizado, legitimador das verdades, na significação relativo à natureza o “verde” pode ser posicionado como maior representatividade de espectros da natureza. O sentido semiótico é elástico na formação de interposições metódicas, por essa razão o papel do intérprete como preponderante na relação objeto signo (Santaella, 2004).

O sentido semiótico que se busca enfatizar é o apelativo de valores abstratos relativos a responsabilidade e compromisso entre atividade econômica e meio ambiente, intervencionada pela atividade contábil, numa perspectiva simbólica de que a contabilidade-verde forme interesses, práticas e técnicas modeladas no contexto de mudança sociais como agentes da transformação para futuro sustentável.

### **2.3 A linguagem das cores e o significado do verde**

A maneira como são captadas as formas como da linguagem cromática, consideradas em termos semióticos, por sua significação das cores, sobretudo do ponto de vista de uma compreensão conotativa, destacam-se trabalhos como: Caivano (1998), Sonesson (2006), Mocerri (2016), nos quais se depreende que as cores são importante fonte de informação, consideradas as imagens em seus aspectos figurativos, semânticos, tomadas como elementos abstratos, que provocam interpretações em diferentes discursos moldados por objetos.

Considerados esses efeitos conotativos, Sonesson (2006), destacou a existência uma verdadeira ciência das imagens e cores, com seus próprios métodos e modelos interpretativos ocasionando resultados relativamente certos em suas proposições sobre a linguagem simbólica, plástica, e adaptáveis a muitos discursos relevantes. O que facilita e impulsiona a realização de narrativas e aprimora o saber interpretativo, a partir da combinação de elementos de diversos modelos, produzindo conhecimento pelos resíduos não analisados desses mesmos modelos.

Bem se sabe o quanto as cores participam do cotidiano das pessoas, estimulam cultura, grupos, flamulas são construídas com cores vibrantes para simbolizar determinados movimento culturais, os sinais de trânsito, as cores das moradias etc. são muitos os exemplos cognitivos expressos pelas cores, para dar sentido e direção ao convívio social (Santaella, 2005).

Mesmo aspectos conotativos da comunicação pelas cores, são metodicamente exposto para se extrair o melhor resultado da proposta, a exemplo das cores dos semáforos, não são escolhas aleatórias, mas destaques cromáticos para distinguirem-se entre as cores do céu e de cores artificiais diversas sejam dos faróis dos carros, seja de outras fontes artificiais, esses valores foram considerados para a escolhas das luzes nos semáforos, Por que então se escolheu para os semáforos cores que não correspondem à sua clareza cromática? Porque não se trata só de cores – se é para ser discernida, é mais importante o ambiente à sua volta (Heller, 2013).

O verde encontrado diariamente nas paisagens, remonta ao viés comunicativo desse valor cromático, em sua aplicabilidade contemporânea se destaca sua disposição nos semáforos, pois está a significar certo comando diretivo: “siga”, “vá em frente”, “caminho livre e seguro”,

são esses exemplos do valor denotativo que o verde inspira na sua aplicação no trânsito das grandes cidades. O verde é mais do que uma cor, o verde é a quintessência da natureza. O verde é uma ideologia, um estilo de vida: consciência ambiental, amor à natureza, ao mesmo tempo a recusa a uma sociedade dominada pela tecnologia (Heller, 2013).

O verde é a cor resultante da mistura do azul com o amarelo. Mas em todas as antigas teorias cromáticas o verde consta como cor primária. Porque para essas teorias antigas, as cores não eram classificadas de acordo com suas propriedades cromáticas técnicas, e sim por sua ação psicológica. E como o verde é uma cor elementar em nossa vivência e em nossa simbologia, num sentido psicológico ela é, sim, uma cor primária. O verde é a cor que possui maior variações de tons, no verde se encontra a mais completa neutralidade, atua de uma maneira que acalma e transmite segurança, o verde é a cor da vida vegetal (Heller, 2013).

Não é incomum assistir em eventos esportivos ou outros cultos, a ostentação de símbolos nacionais com a ideia significante de que ali participa todos os representados naquela ocasião, cantado seu hino nacional, hasteamento de sua bandeira nacional. No caso da Bandeira do Brasil, o verde ocupa boa parte do espaço formador daquele símbolo e, cada cor ali estampada reflete certo valor nacional, nos quais o verde representa as matas, e no conjunto, representa civismo e convivência pacífica (Vieira, 2015).

Os símbolos cromáticos estampados na Bandeira Nacional, segundo Santaella (2005), são decididamente representativos de um sentimento, e decididamente um símbolo. Não fica difícil entender por que símbolos inclui dentro de si quali-signos. No caso é a Bandeira Nacional um veículo de apresentação da materialidade representativa simbólica (Santaella, 2005, p. 22).

## **2.4 Para que serve a Contabilidade Verde**

A Contabilidade verde serve para? Serve de artifício ao cumprimento do comando do art. 225 da CRFB/88, que todos tem o dever de preservar o meio ambiente, nesse caso, a contabilidade pode organizar atitudes da empresa, relacionadas ao comando constitucional, bem como adequar a linguagem verbal e não-verbal para compor referências e avançar no levantamento de consciências ambiental.

Colocar a linguagem em ação promovendo a interatividade, quanto aos regramentos leais com o sistema produtivo, atender a sua função social da empresa e da contabilidade, no que se refere ao aproveitamento racional e a utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente, atender simultaneamente: I - aproveitamento racional e adequado; II - utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação

do meio ambiente; III - observância das disposições que regulam as relações de trabalho; IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores (Art. 5º, inc. XXIII; Art. 186 da CF/88).

A contabilidade verde serve, por meio de suas equações representativas do patrimônio econômico das organizações, a influir decisões, como por exemplo, a alocação de custos de recuperação ambiental decorrente da atividade exploratória da natureza, se mostrando como agente transformador compromissado com o bem-estar da comunidade (Macedo, 2014).

Serve a imprimir inovação em reminiscências da contabilidade tradicional, ao tempo que se mostra atenta aos anseios colhidos na coletividade pelo envolvimento conjuntural na prestação de serviços e atores educativo no engajamento dos diversos sistemas de difusão de conhecimento, na perspectiva profissional e na comunidade acadêmica imprimido aspecto multidisciplinar à atividade contábil (Jacobi, 2003).

Também serve a mostrar a própria contribuição do setor contábil em instruir a qualidade de vida comunitária pelo exercício da cidadania, discernindo a oportunidade de exercer um papel em universalizar o conhecimento, dessa forma, atuar como agente de transformação social na medida em que abraça causas sociais que a cerca, tornando-se vivida e participativa (Reis, 2007).

Serve a inclui práticas avaliativas de custos associados a investimento e ou desastres vinculados à atividade da empresarial, as variáveis de riscos e vulnerabilidades decorrente de externalidades, mensurar eventos que possam refletir custo de performance ou inação empresarial na área ambiental com reflexo na imagem da empresa (Reis, 2007).

A contabilidade verde serve tanto ao campo do conhecimento, como aos protagonistas dessa área, por exemplo: os contadores verdes podem aconselhar clientes sobre impactos financeiros positivos ou negativos que uma decisão empresarial possa desencadear por eventual intervenção empreendedora ao meio ambiente. Tais profissionais podem advertir, sobre remediar e prevenir o impacto e atentar na minimização de resíduos, bem como propor incorporar recursos de contabilidade verde aos softwares que processam a contabilidade tradicional (Sadiku et al, 2021).

Quanto ao não-verbal, esta forma de linguagem subjetiva, depreendida de signos, tabelas e gráficos aos quais a contabilidade tradicional se expressa em seus relatórios, passando inclusão do ‘verde’ simbólico, no sentido de engajamento aos ditamos comunitários para exprimir sua contribuição no cumprimento do dever social de adequar-se aos apelos pertinentes à natureza, e assim formar a contabilidade verde.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia a ser utilizada para a análise do corpus será fundamentada na teoria semiótica analítica, discursiva. Ciência que estuda a produção de sentido na qual aborda não apenas o plano do conteúdo visível, mas passa a incluir o plano da expressão. Se baseia em um esquema estruturado em dois níveis na construção e interpretação do sentido, um aborda o percurso gerativo da literalidade, outro que passa a compreender o signo como uma unidade dotada de sentido além do espectro denotativo, para avançar em expressão conotativa validada por valores da contemporaneidade. Busca entender o signo e como se dá a representação sígnica (Souza, 2023).

A teoria semiótica se torna fundamental nessa pesquisa ao permitir um liame simbólico construtivista relativo à proposta em discutir a adequação da carga valorativa da nomenclatura “contabilidade-verde”, com espectro no “verde” simbólico representativo da natureza e que porção desse valor seja carregado para a contabilidade como contribuição ao campo do conhecimento em promover ativismo relacionado a promoção do meio ambiente, agregando valor ecológico à contabilidade, enquanto atividade social (Tuzzo, 2016).

Por uma fração da Teoria Semiótica, utilizando-se a simbologia comunicativa atribuída a elementos codificados pela cor verde, como forma de imprimir significados que podem ser entendidos universalmente, por determinado grupos ou apenas por um indivíduo, códigos esses que irradiam comunicação para além de si mesmos, perpassando para uma compreensão sistêmica e teológica, expressando sentidos que, em primeiro plano, não estaria ali, mas por uma compreensão auxiliada pelo utilitarismo na busca e na aplicação simbólica, esses elementos expressam os desígnios a que se destinam (Machado; Lahm, 2015).

Quanto à parte analítica, se dedica maior amplitude devido ao caminho que a Semiótica estabelece como forma de análise de dados semióticos, que se retrata em comparações com formas já amplamente difundidas no meio social, assim, a adequação sígnica se revela como estratégia à reforçar o verdadeiro significado a que se espera atribuir ao verde no estudo.

A tarefa que está posta remete a ideia de capturar parcela desse valor atribuída ao verde e imprimir de forma textual na expressão “contabilidade verde”. Morin (2005, p.9) assegura que a revolução atual é, mais no campo da complexidade da organização das ideias, e que pensar implica recusar os avanços das simplificações, e lidar com desafios em que se reconhece que o conhecimento comporta elementos biológicos, cerebrais, culturais, sociais, históricos.

A teoria Semiótica permite a análise interpretativa estabelecendo o nexos cognitivo capaz de ativar o enunciado “contabilidade-verde”, ao contexto da contabilidade tradicional na

medida que a função sígnica, isto é, a correlação entre expressão e conteúdo (ou significante e significado), não é um dado a priori, mas relaciona a realidade com o sujeito observador ao qual se deve o desígnio de estabilizar a relação na produção e interpretação do sentido (Saraiva, 2017).

A semiótica interpretativa se desenvolve em parcial da compreensão do signo dependente de correlações geridas pela dinâmica sócio-histórico-cultural, que se amoldam em textos, linguagem, linguajar, enunciação, extraídas de contextos para trazer uma nova acepção, e assim, seja empregado para denominar um objeto de conhecimento em via de constituição ou já constituído. Aqui a expressão “contabilidade verde” perfaz esse processo, pois  extraída de contextos histórico-cultural contemporâneo em que o verde é associado ao preservacionismo demandado pela sociedade (Greimas; Courts, 2021).

Ainda a respeito da semiótica, Saraiva (2017), se pronuncia afirmando que o sujeito está sempre operando com signos. Portanto, o contexto ou a situação são também textos, ou seja, funcionam como conjuntos significantes em que se articulam expressões e conteúdo. Uma interação discursiva é sempre uma construção levada a efeito pelos que dela tomam parte.

Por uma descrição de pesquisador, historiador, sociólogo ou etnólogo, por exemplo, seu trabalho ao descrever algum fenmeno, simular uma crença que estejam reconstituindo o contexto real de uma interação, mas eles, na verdade, recomporo, em uma estrutura narrativa, a situação comunicativa e a dinâmica identitária dos actantes que dela participaram, isto é, reencenaro o vivido ao enunciá-lo. Logo, operarão signifiante (Saraiva, 2017, p.20).

Depreende-se, por similaridade a Saraiva (2017), que ao se analisar e expor um trabalho de pesquisa, contextualizado que descreve a atmosfera atribuída ao verde, reconstruindo uma observação de que o verde caracterize uma representatividade do espectro ecológico, essa reconstrução por composição textual na expressão “contabilidade verde” afirma-se, com base na teoria semiótica que se está operando na simbologia do verde.

Segundo Santaella (1983, p. 13) “a Semiótica é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, examina os modos de constituição de todo e qualquer fenmeno como o de produção de significação e de sentido.” Todas as espécies de linguagem que se tem contato, ao ser examinada mais profusamente, se enxerga o simbolismo da representação em curso, seja na matemática, na música, nas fbulas, nos gestos, desenhos ou sons onomatopicos, somente se concretizam como linguagem perceptível por meio de manifestações sígnica.

No mesmo sentido, Eco (2009) afirma existir um processo infinito que conecta um signifiante com outros significantes, que se estabelece por combinações que se explicam umas

às outras, em um processo de significação que ocorre como justificativa para a construção do pensamento através dos significados.

São as convenções estabelecidas que alinham o pensamento e a comunicação na espécie humana, e a ferramenta de conexão interpretativa capaz de atribuir a atmosfera valorativa do “verde” para a conjuntura da Contabilidade, advém da própria necessidade de um aprimoramento na comunicação da área contábil com o mundo exterior, e de perceber o significado de algo e nesse caso, de trazer para a contabilidade o desafio de reconhecer e atribuir valor às externalidades sociais e ambientais e promover a internalização de custos ecológicos em cada segmento da cadeia produtiva, é justamente esse o grande problema da civilização atual (Kassai, 2019, p 5).

É a semiótica, por meio de simbolismos que permite o alargamento do conhecimento em uma compreensão sígnica, trazendo a conectividade entre a realidade já conhecida (contabilidade tradicional), com realidades subjacentes (contabilidade-verde), dessa forma, alude a recursos semânticos que preenchem as lacunas comunicativas transmitindo um ou mais sentidos vinculados aos signos propostos.

É nessa sutileza informacional que percorre a contabilidade verde, sem o condão de modificar todo o sistema existente, mas se alinhando a ideia de que a eficiência é uma operação em que os números não podem ser lidos exclusivamente pelas suas expressões denotativas, como Sousa Junior (2023), deu ênfase referendado o pensamento de Mahbub ul Haq, criador do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).

A eficiência é uma operação de contabilidade, os números não podem ser lidos pelas suas expressões denotativas, eles têm que ser lidos nas gretas, eles têm que ser lidos não pelo que eles revelam, mas pelo que eles ocultam. A eficiência se mede pelo conjunto de partidas de contabilidade, ou se mede pela dignidade da moradia (Sousa Junior, 2023).

Em sequência metodológica, a tipologia da pesquisa se equilibra pela abordagem qualitativa, caracterizada na técnica análise exploratória por equiparar-se a situações caracterizadas por Gil (2001). Recorreu-se ao método Bibliográfico, conduzido a partir livros, artigos relacionados ao tema veiculados em base de dados na Internet.

Ao longo do construto foi se confirmando essa estratégia, para em segunda parte tratar os dados sob o prisma da Semiótica, como técnica de significar os signos, em especial o ‘verde’ que se alinha aos objetivos propostos, como ensina Barros e Lehfeld (2010).

Sabe-se que o problema de pesquisa que direciona a abordagem a ser seguida, dessa forma, a qualitativa patrocinou a interpretação temática, rumou para significação e para o

deslinde das proposições, aproximando-as de significados reconhecidos pela realidade possível de produção do conhecimento (Prodanov, 2013).

Se buscou assimilar qualidades e inspirações das cores para aspectos da contabilidade, já que se trata de uma atividade técnica, com sua atuação voltada para a praticidade das finanças, contudo, não se pode ignorar a importância das cores na comunicação, e a contabilidade se movimenta pela comunicação, são os relatórios, os balanços patrimoniais, as demonstrações contábeis exemplos de comunicação.

Adicione-se, ao desejo da sociedade de preservação do meio ambiente, inferido do contexto normativo da representação popular na feitura das leis, tal qual a CF/88, uma leitura harmônica pela Psicologia da Cores (Heller, 2013, Fernandes, 2022) que apontam significados para a cor verde. Então se terá um arcabouço interpretativo justificado de uma leitura semiótica da cor verde aplicada à contabilidade como força capaz de induzir uma comunicação comprometida com os valores da sustentabilidade.

#### **4 RESULTADOS E ANÁLISES**

Para trazer o valor “verde” para a Contabilidade, esta pesquisa utilizou-se dos argumentos da Semiótica – Ciência do estudo dos signos, para referenciar o “verde”, representativo da ecologia, de valores ambientais, de valores relativos à natureza e por que não dizer do capital natural- extensão da noção econômica para indicar bens e serviços oferecidos pelo meio ambiente Laville (2009).

No aspecto normativo foi lembrado da obrigatoriedade estendida a todo de manter um ambiente para as futuras gerações. Por isso, a contabilidade tradicional é chamada a ampliar seus horizontes para significar verde pelo prisma da contemporaneidade, pelo olhar no preservacionismo da natureza, a trazer o verde ao contexto das equações numérica e adotar o simbolismo do verde para entrelaçá-los ao convívio da contabilidade tradicional.

Também, Santaella (2005, p. 22) ensina a noção da complexidade da ação do símbolo e que opera como lei convencional, legi-signo, uma regra que habilita a plenitude do símbolo, para representar aquilo que está convencionalizado que represente. Convenções sociais exercem o papel de leis que fazem com que esses signos devam representar seus objetos dinâmicos. O objeto imediato dos símbolos é o modo como sua qualidade pode sugerir ou evocar outras qualidades (Santaella, 2005, p. 22).

Signo em construções frasais, tipo: "Ordem e Progresso", por exemplo, no contexto da Bandeira Nacional, segundo Santaella (2005), é decididamente um símbolo. Porém, o

simbolismo dessa frase só é manifesto no formato sequencial que está aí, se inverter a ordem das palavras, desfaz-se o símbolo. Não fica difícil entender por que símbolos inclui dentro de quali-signos. Desta forma, a materialidade simbólica é o veículo de apresentação, no caso é a Bandeira Nacional (Santaella, 2005, p. 22).

Por analogia com a frase “Ordem e Progresso”, a frase “Contabilidade Verde”, possui um campo para a manifestação, um local, um veículo de comunicação onde possa ser lido e compreendido que é campo da Contabilidade convencional, possibilitando a fazer parte da linguagem simbólica, pois toda linguagem falada ou escrita decorre de convenções, denotando seus referentes devido ao legi-signo ou convenção que lhe dá suporte a exibir seu aspecto na materialidade da escrita. (Santaella, 2005, p. 22).

Por esse caminho, a semiótica juntou-se ao texto para significar as formas de enxergar o verde, sobretudo por sua representatividade de uma linguagem simbólica que se traduz em um interesse da coletividade na preservação de espectros relacionados à natureza.

Para a realidade contábil se discute a necessidade de adoção dessa nomenclatura por ser representativa da realidade contemporânea, trilhando para um chamamento de adequação do fazer contábil para albergar interesses em controles de investimentos, gastos ou reparação ambiental que possam decorrer da atividade empresarial.




Desta forma, o que está posto remete-se a uma verdadeira cultura gestada como desenvolvimento sustentável para se tornar um elemento essencial, com implicações palpáveis na escolha de projetos de desenvolvimento abalizando estratégias na geração de valor e que pautam critérios de sucesso e objetivos (Laville, 2009, p.155).

A Contabilidade Verde é uma alusão à consciência ambiental que demarca a contemporaneidade, bem como pela representatividade que as cores adquiriram na comunicação. Santaella (1983, p.12) ensina que os signos se apresentam elementos de linguagem não verbal, capaz de trazer ao interlocutor um novo olhar sobre a representação do mundo.

A contabilidade verde deve ser vista como relevante em todos os lugares, em todos os governos, sociedades, e indivíduos, pois cada um deve promover proativamente a conscientização ambiental. Trazer e enfatizar práticas de contabilidade verde para a vanguarda da contabilidade, de modo que faça parte do currículo de contabilidade dirigindo a mensagem da tendência inevitável de buscar soluções ambientais, é o que está posto para a atividade contábil (Sadiku *et al.*, 2021; Sardeiro, 2021).

No quadro 1, são trazidos alguns signos relacionados ao “verde”, considerados relevantes para a coletividade em comunicação não-verbal, largamente reconhecidos em seus significados, em correlação com valores da contabilidade.

Quadro 1 – Alguns valores observados para o verde na contabilidade.

SIGNO - VEDE	SIGNIFICADO / REPRESENTAÇÃO	VALORES RELACIONADOS COM A CONTABILIDADE
	<p>Consideremos agora a bandeira brasileira que é um símbolo do Brasil[...]. O objeto dinâmico da bandeira é o Brasil, o objeto imediato, que é o ícone com suas cores e formas, não poderia representar o Brasil se não fosse pela convenção que faz com que a lei aja, isto é, se aquele ícone não tivesse sido escolhido para representar o que representa[...], o azul da bandeira tem semelhança com o céu, o verde com a mata, o amarelo com o ouro. Quanto à inscrição "Ordem e Progresso", esta é decididamente um símbolo (Santaella, 2005, p. 22).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Valores ecológicos na contabilidade (CFC, 2008);</li> <li>- O preservacionismo como fundamento da continuidade do setor produtivo (Laville, 2009; CFC, 2008);</li> <li>- O interesse no melhor para o Brasil, A interdisciplinaridade dinâmica na construção da função social da empresa (CF/1988);</li> <li>- Promover os interesses sociais e ambientais e internalização de custos ecológicos (CF/1988).</li> </ul>
	<p>É de extrema importância atentar para isso pois as cores estão transmitindo mensagens o tempo inteiro em elementos visuais como placas de trânsito e semáforos, nos quais a cor vermelha indica que algo é proibido, enquanto a cor verde indica disponibilidade. Entendemos, desse modo, que a leitura leve em consideração a completude do texto, incluindo aí os diversos modos semióticos, identificando qual a função comunicativa desses elementos naquele contexto e o que representam (Soares, 2022).</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Seguir em frente – se relaciona com princípio continuidade da empresa tendo em vista sua função social (CF/1988; Heller, 2013);</li> <li>-Avante se relaciona como no princípio da oportunidade em melhorar suas posições no mercado (CFC, 2008);</li> <li>- Prudência em fazer escolhas assertivas avaliando-se a situação do momento (CFC, 2008; Heller, 2013);</li> <li>- Competência para não perder a largada nos nichos pouco explorados (CFC, 2008).</li> </ul>
	<p>Na decoração, o verde nos ambientes é associado ao bem-estar, saúde, favorece a iluminação, tranquilidade e equilíbrio, perseverança e à esperança.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A saúde como valor social, e financeiro (Heller, 2013);</li> <li>- Tranquilidade para lidar com o stress do dia a dia (Heller, 2013).</li> </ul>

Fonte: adaptado de Cagnin, 1975. p. 77.

A contabilidade verde não é só uma extensão da Ciência, mas uma técnica especializada em preservacionismo. Se apresenta como uma ferramenta informativa de alinhamento social da empresa em sensibilidade temporal, demonstrando um potencial integrativo com a comunidade, nessa perspectiva a contabilidade se apresenta como integrante da linguagem da qual a empresa implementa associando-se a interface da natureza e da sociedade.

No aspecto acadêmico, a contabilidade se comporta rumo a construção de uma doutrina, que se apropria, no contexto social-comunitário de demanda em invocações, para assimilar

vários tipos de cognição, interseccionadas por outras linguagens, leituras de fenômenos em diferentes realidades, para reconhecer conhecimentos espalmados em linguagem verbal e não verbal.

A contabilidade não poderia abster-se de marcar posições relativas a esse tema, e na linguagem ecológica, a contabilidade verde pode ser vista como “revitalização de espaços”, em aderência às mudanças sociais e culturais. E, a adoção do simbolismo ‘verde’ pode ser vista como um movimento em direção a uma consciência madura dos agentes da transformação (Reis, 2007).

A subjetividade na contabilidade verde está ligada à forma como cada gestor, contabilista ou empresa entender e se motivar para adotar práticas mais sustentáveis. Para alguns, pode ser uma forma de responsabilidade para outros, uma oportunidade econômica ou simplesmente uma obrigação normativa, numa metáfora descritiva do equilíbrio, o símbolo da balança na Contabilidade pode receber a conotação de "uma balança onde o peso do progresso econômico é contrabalançado pelo cuidado ambiental " que se deve ter (Alves, 2015).

O caminho está posto à frente, o semáforo da História está aberto, a contabilidade verde é um aspecto emergente da ciência contábil que influenciará significativamente as operações e a tomada de decisões. Se firmará como uma estratégia de gestão com os pés no presente e olhar no futuro, desenvolver processos e produtos verdes seguramente passa pelos contornos informativos que a contabilidade possa oferecer. Produtos e processos compromissados com o meio ambiente são as formas de reposicionamento dos fatores de produção em um mundo dinâmico e contínuo.

A contabilidade verde é este olhar para o futuro, uma aderência ao interesse social, um compromisso da categoria com o meio ambiente, uma leitura dinâmica da realidade trazida para o campo de pesquisa da Contabilidade.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa foi guiada pelo objetivo de compreender e explicar a Contabilidade Verde à luz da semiótica. O percurso que se impôs com o tema se estabeleceu como metas, subtópicos em identificar fatores relacionados ao significado do verde atribuídos pela coletividade, bem como explorar a relevância do simbolismo do verde no contexto da contemporaneidade pelo entrelaçamento de valores do verde espectros alusivo do campo de conhecimento da contabilidade.

Desse modo, a apresentação da contabilidade verde, foi contextualizada por uma abordagem conceitual, que procurou trazer para a pesquisa um ideal de aplicabilidade, em primeiro momento como pressuposto para uma adoção nominal da expressão contabilidade verde; e em outro, possíveis vantagens signífica alcançada pela linguagem que o verde proporciona, ao criar a uma cognição de comprometimento da contabilidade com a causa do preservacionismo

De plano, a pesquisa não se consolida como um guia de como fazer a contabilidade verde, mas pode ser vista como uma demonstração da necessidade de se fazer, de participar, de criar uma realidade que envolva o fazer contábil em uma perspectiva ecológica pela construção de uma “contabilidade-verde”. Inicialmente pela adaptação nominal que reforce a conscientização de que todos contribuam com o meio ambiente equilibrado.

O cotejo por palavras e signos, levou a comparações, a interpretações por análise subjetiva para ampliar semânticas e colocar em movimento o objetivo de abalzar a compreensão e explicar a Contabilidade Verde à luz da semiótica, por meio de símbolos “verde”, que expressam atributos comunicativos entrelaçados a valores sociais e ecológicos para trazê-los campo de conhecimento da Contabilidade.

Durante o percurso da construção textual se procurou identificar os significantes do “verde” no intuito de alcançar certo nível de consideração do tema pela comunidade contábil, de fato a contabilidade verde não se distancia da contabilidade tradicional no sentido do “fazer”. Os procedimentos são os mesmos, o diferencial é a associação

Com espeque na expressão valorativa do verde para a sociedade, considerado que o histórico dita regras e comportamento, quando se evidencia a finitude dos recursos naturais, é mister responder ao chamamento de cooperar com a preservação da natureza, seja efetivamente, seja no discurso normativo. Logo, contribuir e racionar a natureza se tornou dever de todos.

A pesquisa encontra limites na base interpretativa conceitual de uma contabilidade verde, a própria temática guarda limitações de produções acadêmica com similaridade de abordagem, além de limites temporais associados a pesquisa academia de graduação. Outra limitação se enquadra na subjetividade do autor, nas interpretações. Cabe destacar que cada pessoa pode interpretar signos de maneira diferente, é onde reside a subjetividade.

Espera-se que esta pesquisa contribua como exemplo e base para futuros estudos que necessitem de uma articulação metodológica complexa, de forma a trazer à luz a relevância dos significados implicitamente existentes, porém com potencial para torna-se pesquisável.

Ressalta-se que esta pesquisa não se apresenta como um manual, mas um reforço ao que disse Sardeiro (2021), a Contabilidade Verde: um caminho sem volta. Sugere-se como pistas

de pesquisas futuras, que se faça estudos de casos, que encontrem métricas de mensuração de efeitos para em abordagens similares no contexto de aplicação de contabilidade verde, a exemplo de empresa gestoras de floresta pública, de áreas de preservação permanentes, etc., empresas voltadas a conservação do meio ambiente para se descobrir o grau de participação da contabilidade nesse empreendimento.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Janaina Borges. **A evolução do relato corporativo à luz do gerenciamento de impressões: o caso da Petróleo Brasileiro S.A.** – 2019. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/76886/1/Janaina%20Borges%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 03 jun. 2025.

ALVES, Raimundo Nonato Brabo. **A Balança Ambiental.** In Portal EcoDebate. 2015, Disponível em: <http://www.ecodebate.com.br/2015/08/24/a-balanca-ambiental-artigode-raimundo-nonato-brabo-alves>, Acesso em 28 de out. 2024.

BARROS, A. J. S. e Lehfeld, N. A. S. **Fundamentos de metodologia científica.** 3ed. São Paulo. 2010.

BORGES, Josilene Rodrigues. **Quadrinhos em sala de aula [manuscrito]: a linguagem quadrinhística aplicada ao letramento verbo-visual em uma turma de Ensino Fundamental II.** – Montes Claros, 2019. Disponível em: <https://www.posgraduacao.unimontes.br>. Acesso em 15 out. 2024.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/03/constituicao/constituicao.htm>>. Acesso em: 02 out. 2024.

CAIVANO, José Luis. **Color and semiotics: A two-way street.** *Color Research and Application* 23 (1998): 390-401. Disponível em: DOI:10.1002/(SICI)1520-6378(199812)23:6<390::AID-COL7>3.0.CO;2-# . Acesso em 19 out. 2024.

CAGNIN, Antônio Luiz. **Os Quadrinhos.** São Paulo, Ática, 1975.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Princípios fundamentais e normas brasileiras de contabilidade/ Conselho Federal de Contabilidade.** – 3. ed. -- Brasília: CFC, 2008.

ECO, Humberto. **Tratado geral de semiótica.** São Paulo: Perspectiva, 2009.

FERNANDES, Karla Gimenez; BENIGNI, Bianca Maria Monici de. **Psicologia das Cores: o que é e como influência nas emoções?** REVISTA PSICOLOGIA FAEF, v.39, n.2, dez/2022. [https://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/xzb3WXMnTPpNzMm\\_2024-1-23-21-38-0.pdf](https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/xzb3WXMnTPpNzMm_2024-1-23-21-38-0.pdf). Acesso em: 02 out. 2024.

GARCIA, Solange & Procópio de Araujo, Adriana & Bôto, Gabriela. (2019). **O ensino de Contabilidade Ambiental e Sustentabilidade nos cursos de Ciências Contábeis**. 2019. Disponível em: <https://www.researchgate.net>, Acesso em 17 de jun. 2025.

GIL, A. C. (2001). **Gestão de Pessoas: Enfoque nos Papéis Profissionais**. São Paulo: Atlas. GREIMAS, Algirdas Julien.; COURTÉS, J. **Dicionário de Semiótica**. 2ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2021.

GRAY, Rob. **Current Developments and Trends in Social and Environmental Auditing, Reporting and Attestation: A Review and Comment**. International Journal Of Auditing, [s.l.], v. 4, n. 3, p.247-268, Nov. 2000. Wiley-Blackwell.

HELLER, Eva, 1948-2008. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão** / Eva Heller; [tradução Maria Lúcia Lopes da Silva]. 1ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

KASSAI, José Roberto. **Contabilidade ambiental: relato integrado e sustentabilidade** / José Roberto Kassai, Nelson Carvalho, José Rubens Seyiti Kassai. São Paulo: Atlas, 2019.

KATAOKA, S. S.; LEAL, P. H. (2019). **A semiótica como alternativa epistemológica nas pesquisas em contabilidade**. Revista Sociais e Humanas, v. 32, n. (3), 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/40908>. Acesso em: 02 out. 2024.

JACOBI, Pedro. **Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade**. Cadernos de Pesquisa: revista de estudos e pesquisa em educação (Fundação Carlos Chagas), n. 118, mar. 2003.

JORGE, Ana Maria Guimarães. **O que é semiótica peirceana? Introdução**. <https://www.portcom.intercom.org.br/>. Ano 2000. Acesso em: 02 out. 2024.

LAVILLE, Élisabeth. **A Empresa Verde**. Tradução: Denise Macedo- São Paulo: Ôte, 2009.

MACEDO, Daniele. **A Responsabilidade administrativa das mineradoras pelos impactos ambientais decorrentes da atividade exploratória de minério**. Direito em Ação - Revista do Curso de Direito da UCB, v. 9, n. 2, 26 jun. 2014. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br>, acesso em 17 de jun. 2025.

MACHADO, Celso Pessanha. **Investigando o uso de softwares educacionais como apoio ao ensino de Matemática**. Diss. (Mestrado) – Faculdade de Física, Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática, PUCRS. Porto Alegre, 2011.

MACHADO, Celso Pessanha; LAHM, Regis Alexandre. **Semiótica como método de análise de dados**. Revista Educação em Rede: formação e prática docente, v. 1, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10923/12158>. Acesso em 12 out. 2024.

MAHLOMAHOLO, M.; MAHLOMAHOLO, S. **Creating Sustainable Posthuman Accounting Learning Environments: The Case for Green Accounting in South Africa**. Research in Educational Policy and Management, v. 6, n. 1, p. 90-101, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.46303/repam.2024.6>. Acesso em: 02 out. 2024.

MIGUEL, L. A. P.; POPADIUK, S. **Integrando metodologias na análise de dados sob o paradigma interacionista simbólico: um caso prático**. Cadernos EBAPE.BR, v. 12, n. 2, p. 357–373, abr. 2014. Acesso em: 13 de out. 2024.

MOCERI, Fernanda Gonçalves. **Percepção cromática urbana: a cor para os arquitetos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Tecnologia da Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/D.16.2017.tde-16022017-102223. Acesso em: 09-01-2025.

MORIN, Edgar. **O método 4: As ideias**. Porto Alegre: Sulinas, 2005.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

PAIVA, José Wagner Morais de, **No que vai dar**. Revista da Universidade Federal de Minas Gerais, Ano 2, - nº. 5 - junho de 2004 - Edição Vestibular. Disponível em <https://www.ufmg.br/diversa/5/ciencontabeis.htm>. Acesso em 11 nov. 2024.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: **Perspectiva, [1931-1958]** 2000.

PEREZ, Clotilde; GODOY, Eduardo Correa de. Semiótica e memética: aproximações teórico-metodológicas aos estudos dos memes. Revista de Estudos Universitários - REU, Sorocaba, SP, v. 45, n. 1, 2019. DOI: 10.22484/2177-5788.2019v45n1p145-159. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/3634>. Acesso em: 7 jun. 2025.

PIGNATARI, Décio. **Semiótica e Literatura**. – 6ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

REIS, Carlos Nelson dos. **A responsabilidade social das empresas: o contexto brasileiro em face da ação consciente ou do modernismo do mercado?**. Revista de Economia Contemporânea, v. 11, n. 2, p. 279–305, maio 2007.

SADIKU, Matthew & Ashaolu, Tolulope Joshua & Adekunle, Sunday & Musa, Sarhan. (2021). Green Accounting: A Primer. International Journal Of Scientific Advances. DOI: 10.51542/ijscia.v2i1.10. Acesso em 18 out. 2024.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SANTAELLA, Lúcia. **A Teoria Geral dos Signos - Semiose e Autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

SANTAELLA, Lucia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Uma imagem é uma imagem, é uma imagem, é uma imagem. Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 3, n. 5, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/2258>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação** / Winfried Nöth, Lucia Santaella. — São Paulo: Paulus, 2017. — Coleção Introduções.

SARDEIRO, Luciana. **Contabilidade verde: um caminho sem volta** – 2021. 2025.10.13140/RG.2.2.30804.88960. Disponível em: <https://www.researchgate.net>. Acesso em 31 de mai.2025.

SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Contabilidade básica**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SONESSON, Göran. **De la estructura a la retórica en la semiótica visual**. Revista de la Asociación Española de Semiótica. Núm. 5, Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Disponível em: [www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcbk1s2](http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcbk1s2). Acesso em 31 de mai. 2025.

SOUSA JUNIOR, José Geraldo de., **Necessidade de reforma agrária divide opiniões em debate da CPI do MST**. Agência Câmara de Notícias. 2023. Disponível em <https://www.camara.leg.br/noticias/971752>. Acesso em: 03 abr. 2025.

SOUZA, Lohayne dos Santos. **Uma análise semiótica de animação japonesa: given e a música**. In: **Semiótica em estágio docência na graduação: produções e práticas de análise** / Organizadores Renan Ramires de Azevedo, Sueli Maria Ramos da Silva. – Belém: RFB, 2023.

TUZZO, Simone Antoniacci. **Os sentidos do Impresso**. Prefácio de Derrick de Kerckhove. Goiânia. UFG/FIC. 2016.

VIEIRA, Jadir., (2015). **A arte da guerra: e as dez táticas mais eficazes da Antiguidade**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/179254>. Acesso em: 02 jan. 2025.